

CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: EM BUSCA DA PEDAGOGIA DA VARIÇÃO LINGÜÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

CREENCIAS Y ACTITUDES LINGÜÍSTICAS: EN LA BÚSQUEDA DE LA PEDAGOGÍA DE LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN LA ENSEÑANZA DE LENGUA ESPAÑOLA

Vanessa Cruz Mantoani¹
Joyce Elaine de Almeida Baronas²

RESUMO: Pretendemos, no presente estudo, discutir alguns desafios sociolinguísticos, como o de minimizar e/ou desconstruir crenças por meio da abordagem da variação linguística, enfrentados pelos professores de Língua Espanhola no Brasil e promover uma reflexão sobre a necessidade de uma Pedagogia da Variação Linguística em aulas de Espanhol. Tendo em vista a realidade sociolinguística hispânica que apresenta diversas variedades, conforme Moreno Fernández (2017), buscamos alicerce nos pressupostos da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2005), mais especificamente nos estudos relacionados a crenças e atitudes e analisamos tanto qualitativamente como quantitativamente as respostas ao questionário elaborado a fim de identificar crenças e atitudes de professores de Língua Espanhola de escolas públicas do Paraná. Embora os dados apontem para uma compreensão da necessidade de abordagem de variedades do idioma, constatamos ainda algumas crenças que dizem respeito à preferência por determinada variedade, considerada “mais bem compreendida” em detrimento das demais. A partir da reflexão a respeito dos dados obtidos, defendemos a necessidade de se colocar em prática a Pedagogia da Variação Linguística, proposta por Faraco (2008), com o objetivo de minimizar e/ou desconstruir crenças e atitudes linguísticas (CYRANKA, 2007) relacionadas à abordagem das variedades linguísticas da Língua Espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Educacional; Crenças e atitudes linguísticas; Ensino de Língua Espanhola.

RESUMEN: *El propósito, de este estudio, es discutir algunos desafíos sociolingüísticos, como minimizar y/o deconstruir creencias a través del enfoque de la variación lingüística, que enfrentan los profesores de Español en Brasil y promover una reflexión sobre la necesidad de una Pedagogía de la Variación Lingüística en las clases de español. En vista de la realidad sociolingüística hispánica que está constituida por distintas variedades, como presentada por Moreno Fernández (2017), buscamos una base en los supuestos de la Sociolingüística Educativa (BORTONI-RICARDO, 2005), más específicamente en estudios relacionados con creencias y actitudes y analizamos cualitativa y cuantitativamente las respuestas a cuestionario elaborado con la finalidad de identificar las creencias y actitudes de los profesores de Lengua Española en escuelas públicas de Paraná. Aunque los datos apuntan a una comprensión de la necesidad de abordar las variedades del idioma, todavía encontramos algunas creencias con respecto a la preferencia por cierta variedad, considerada "mejor entendida" en detrimento de las demás. A partir de la reflexión sobre los datos obtenidos, defendemos, la necesidad de poner en práctica la Pedagogía de la Variación Lingüística, propuesta por Faraco (2008), para minimizar y/o deconstruir creencias y actitudes lingüísticas (CYRANKA, 2007) relacionadas con el enfoque de las variedades lingüísticas de la Lengua Española.*

¹ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: vcantoani@yahoo.com.br. Orcid: [0000-0003-3658-2383](https://orcid.org/0000-0003-3658-2383).

² Universidade Estadual de Londrina. E-mail: joyal@uel.br Orcid: [0000-0001-7866-5166](https://orcid.org/0000-0001-7866-5166).

PALABRAS-CLAVE: *Sociolingüística Educativa; Creencias y actitudes lingüísticas; Enseñanza de Lengua Española.*

Introdução

Pesquisas que abordam a variação linguística no ensino de Língua Espanhola no Brasil são essenciais, pois possibilitam a reflexão da prática pedagógica dos professores dentro de sala de aula. São muitos os motivos pelos quais defendemos a abordagem do conteúdo da variação linguística em aulas do idioma, dos quais destacamos alguns: (i) a Língua Espanhola é a segunda língua de comunicação em nível internacional (INSTITUTO CERVANTES, 2019) e constitui o idioma oficial de mais de vinte países; (ii) o Brasil possui sete países vizinhos que falam o idioma dos dez com que faz fronteira; (iii) a variação de um idioma caracteriza a identidade de dada comunidade de fala (FARACO, 2012; BORTONI-RICARDO, 2004). Neste estudo, temos como objetivo discutir alguns desafios sociolingüísticos, ou seja, a abordagem da variação linguística, bem como a reflexão e desconstrução de crenças relacionadas ao idioma, enfrentados pelos professores de Língua Espanhola no Brasil e refletir sobre a importância de uma Pedagogia da Variação Linguística em aulas de Língua Espanhola, a partir da análise de respostas do questionário de crenças e atitudes lingüísticas aplicado a professores de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) que atuam na rede pública no Ensino Médio ou no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM) de duas cidades do norte do estado do Paraná, a fim de diminuir crenças e preconceitos lingüísticos referentes ao idioma, com o foco na variação geográfica, objeto de nosso estudo.

Como forma de subsidiar a discussão aqui proposta, pautamo-nos na Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008) e, mais especificamente, na Sociolingüística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005) e consideramos os apontamentos de Faraco (2008) a respeito da Pedagogia da Variação Linguística. Tomamos como base os estudos de Cyranka (2007) e Lambert e Lambert (1975) sobre crenças e atitudes lingüísticas. No tocante à variação da Língua Espanhola, consideramos as contribuições de Moreno Fernández (2000; 2010; 2017) e Villalba (2013), como descrito nas seções seguintes.

1 Variação Linguística e ensino: um casamento necessário

As pesquisas da Sociolingüística desenvolvidas mundo afora desempenham um importante papel para a compreensão dos diversos modos de falar, conduzindo pesquisadores e professores a promoverem discussões a respeito do assunto. A pesquisa de William Labov realizada em 1963 sobre o inglês falado na ilha Martha's Vineyard incentivou o olhar de estudiosos a respeito da relação entre

língua e sociedade, consolidando, a partir de seu estudo, um direcionamento das pesquisas para a Sociolinguística.

No ensino de Língua Portuguesa, podemos mencionar autores como Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Camacho (1988) e Faraco (2008) como exemplos de estudiosos que se dedicaram à temática e Moreno Fernández (2000; 2010; 2017) e López Morales (1993), referentemente ao ensino de Língua Espanhola.

Desse modo, diversas perspectivas da Sociolinguística sobre a Língua Espanhola podem direcionar estudos nessa área de pesquisa e, neste trabalho, adotamos a perspectiva da Sociolinguística Educacional, termo adotado por Bortoni-Ricardo (2005) na área de Língua Portuguesa, que tem como objetivo buscar contribuições para o processo educacional. Segundo a autora,

[...] a tarefa da sociolinguística educacional não se esgota na descrição da variação e divulgação dos resultados obtidos [...]. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola e da sociedade em geral (BORTONI-RICARDO, 2005, p.130).

O objetivo deste trabalho é, também, contribuir com o processo educacional do idioma Espanhol, uma vez que adotamos a abordagem da variação linguística em suas aulas. Compreendemos que abordar distintas variedades é também proporcionar ao aluno o contato com a cultura de uma dada comunidade, pois, “toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.33), visto que é na tentativa de combater estigmas ligados às variedades de menos prestígio que a Sociolinguística atua, sendo fundamental enfatizar as variedades da língua como índices de identidade dos falantes que as utilizam.

Sobre o assunto, Moreno Fernández (2010) comenta que é essencial o professor conhecer as variedades da Língua Espanhola, quais suas características e em que regiões ocorrem, pois a partir do contato e (re)conhecimento do uso do fenômeno linguístico e suas variações, o docente terá condições de abordar o conteúdo em aulas de ELE, colocando em prática a Pedagogia da Variação Linguística, podendo trabalhar, inclusive, com crenças e preconceito linguístico.

Para compreender o conceito de Pedagogia da Variação Linguística, torna-se fundamental falarmos de variação linguística e, para tanto, dentre as denominações elencadas por Camacho (1988)

– variação social, estilística, histórica e geográfica –, neste estudo, centramo-nos na variação geográfica. Conhecida como espacial ou regional, para o autor (CAMACHO, 1988), a variação geográfica refere-se às diferentes formas de pronunciar os sons de uma mesma língua, às construções sintáticas nela existentes e ao uso de seu vocabulário, de acordo com a distância entre uma região e outra.

Criar e trabalhar com os alunos uma consciência da diversidade linguística é essencial para que não ocorra um choque, mas um (re)conhecimento das realidades sociais existentes. Soluções são necessárias para promover um ensino de Língua Espanhola, no qual os alunos possam compreender a existência de variedades linguísticas na língua que estudam. Entretanto, é importante compreender que as universidades devam, primeiramente, criar uma consciência nos futuros educadores para alcançar êxito e, sobretudo, uma formação que envolva não somente os aspectos estruturais da língua, mas que proporcione a construção de um conhecimento que relacione língua e sociedade, isto é, a “realidade dialetal da Língua Espanhola e a diversidade sociolinguística do mundo hispânico” (MORENO FERNÁNDEZ, 2010, p.11).

Tendo em vista essa perspectiva, entendemos a necessidade da prática de uma Pedagogia da Variação Linguística, como propõe Faraco (2008), pela qual o professor aborda as variedades existentes em uma língua e possibilita a identificação de sua heterogeneidade. Tanto essa proposta apresentada pelo autor, como a Sociolinguística Educacional defendida por Bortoni-Ricardo (2005) direcionam-se às aulas de Língua Portuguesa e objetivam aproximar o estudante de outras normas não consideradas “padrão”. Porém, compreendemos da mesma forma que em Língua Portuguesa, também existe em Língua Espanhola a necessidade de se abordar a variação do idioma, haja vista a variedade centro-peninsular, própria da região de Madri, na Espanha, ser considerada como padrão (VILLALBA, 2013).

Assim sendo, ao despertar a atenção do aluno para as variedades que compõem uma língua, a Pedagogia da Variação Linguística também desperta sua atenção para as crenças e atitudes linguísticas que, muitas vezes, inconscientemente, aparecem no processo de aprendizagem do aluno, sendo perceptíveis em suas reações (não) verbais a respeito do tema quando abordado em aula, por meio de vídeos ou áudios, por exemplo.

É nesse sentido que o papel do professor ganha ainda mais força, pois, quando aproxima o estudante do conteúdo “variação linguística”, o professor o convida a refletir sobre suas crenças e o

conduz no desenvolvimento de uma consciência linguística respeitosa, a partir do (re) conhecimento das variedades do idioma em estudo. De acordo com Bagno (2015):

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolingüismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, *heterogênea*, ou seja, apresenta *variação* em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2015, p.27) (grifo do autor).

Assim como afirma o autor sobre a heterogeneidade de uma língua, acreditamos que a Pedagogia da Variação Linguística tem, portanto, a finalidade de proporcionar ao discente um contato com a variação linguística de modo abrangente, permitindo ao estudante observar as estruturas, bem como o uso social.

Na seção a seguir, tratamos dos desafios sociolinguísticos do ensino de Língua Espanhola em nosso país.

2. Crenças e atitudes linguísticas: desafios do ensino da Língua Espanhola no Brasil

O ensino de Língua Espanhola no Brasil, nos últimos quinze anos, passou por políticas linguísticas que mudaram os rumos de sua implantação. Em 2005, foi publicada a Lei 11.161 que tornou obrigatória a oferta do Espanhol no ensino público e de caráter facultativo para o estudante. Contudo, em 2017, a Lei 13.415 sancionou que “os currículos de ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol”, contrariando o postulado da lei anterior. Apesar disso, a luta pela oferta obrigatória do idioma nas escolas públicas pelo país continua e algumas cidades como Apucarana, no Paraná, e o estado do Rio Grande do Sul, estão conseguindo mudar essa realidade e tornar obrigatória sua oferta, por meio do Movimento #FicaEspanhol³.

Diante desse desafio no ensino de ELE, em aulas do idioma, podemos encontrar diversos outros obstáculos enfrentados pelo professor, contudo, vamos nos deter no desafio – e também necessidade – da abordagem da variação linguística do Espanhol. Por que falar de variação linguística é tão importante? Por que insistir nesse assunto diante de outras incertezas que assolam o ensino desse idioma em nosso país?

³ Página do Movimento que divulga ações pelo Espanhol no Brasil todo: <https://www.facebook.com/ficaespanhol/>.

Conforme comentamos anteriormente, no conteúdo da “variação linguística” abordamos não apenas os aspectos estruturais de uma língua, mas também os socioculturais que formam parte da identidade de uma comunidade de fala. Assim é dever do professor de Língua Espanhola oportunizar esse conhecimento sociolinguístico ao seu aluno, uma vez que, ao observar as variedades presentes na língua estrangeira, ele também pode refletir sobre as variedades existentes em sua própria língua materna e sobre os aspectos sócio-históricos e culturais que a envolvem.

No processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras diversas crenças podem ser encontradas (BARCELOS, 2004; 2006), e, em muitos casos, elas são transmitidas facilmente na sociedade, desvalorizando os diferentes modos de falar o idioma e seus falantes.

Nesse sentido, torna-se essencial entendermos o conceito de crenças e atitudes linguísticas adotadas neste estudo. Para Cyranka (2007, p. 25), as crenças linguísticas estão relacionadas à “posição em que os professores e os alunos colocam os objetos (língua, linguagem, variação e aprendizagem linguística) dentro da dimensão avaliativa, posição essa que, em última instância, leva à atitude deles em relação a esses objetos” (CYRANKA, 2007, p. 25), ou seja, toda forma de valor em relação à fala. Entretanto, nas aulas de língua, além das crenças, também podemos encontrar uma atitude linguística, definidas por Lambert e Lambert (1975, p. 100) como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

Referentemente ao ensino de Espanhol para brasileiros, destacamos as seguintes crenças: a) Espanhol como “língua fácil”; b) escolha pela variedade centro-peninsular como a “melhor”, “a mais pura”, “a mais correta” (VILLALBA, 2013).

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004) comenta que

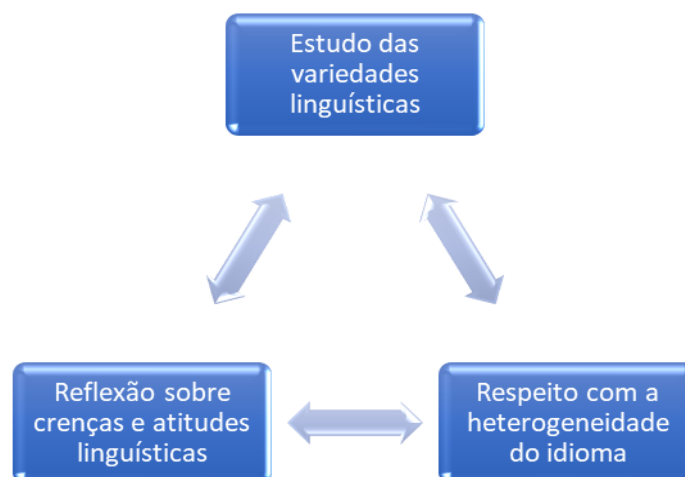
[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.34)

Entendemos que o poder político e econômico da Espanha corrobora para a crença de que uma das variedades utilizadas no país seja tomada como “padrão”. Entretanto, o professor desempenha um importante papel ao compartilhar conhecimento e, junto com seus alunos, desconstruir preconceitos referentes à língua estudada, a partir da abordagem da variação linguística, pois, como destaca Villalba (2013, p. 21), “trata-se de um profissional cuja língua materna também

pertence a uma das variantes do português – que também não é homogêneo – que possui uma experiência linguística específica na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira”.

Portanto, promover a reflexão e o respeito às variedades da Língua Espanhola, por meio da consciência crítica sobre as crenças e atitudes linguísticas, bem como em relação ao preconceito linguístico é um desafio para o docente de ELE e um exercício contínuo, conforme demonstrado na figura a seguir:

Figura 1: Abordagem da Variação Linguística em aulas de língua



Fonte: elaborado pelas autoras.

Com relação à aprendizagem de Língua Espanhola no Brasil, em entrevista à Cordeiro (2017, p. 06) (tradução nossa), Eres Fernández afirma que devido a “crença de um entendimento espontâneo, o estudo e a aprendizagem formal não são valorizados, o que funciona como um círculo vicioso: não é valorizado porque supõe-se que é possível manter uma comunicação eficaz e, se acredita-se nisso, não é necessário estudá-lo”, ou seja, é preciso conscientizar a sociedade da importância do estudo de ELE, tendo em vista a composição geográfica na qual o Brasil se situa e suas relações comerciais que refletem a relevância do desenvolvimento de uma sociedade plurilíngue em nosso contexto educacional.

De acordo com o exposto, passemos às etapas da pesquisa.

3 Etapas da pesquisa

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos um recorte do *corpus* da dissertação (aprovada pelo Comitê de Ética) de uma das autoras desta pesquisa (MANTOANI, 2018), constituído de questionário aplicado a docentes de Língua Espanhola da rede pública de duas cidades da região norte do estado do Paraná, com o objetivo de verificar crenças e atitudes linguísticas referentes à abordagem da variação linguística em aulas de ELE. Ressaltamos que houve dezesseis participantes da pesquisa: cinco professores de Apucarana (P1 a P5) e onze professores de Londrina (P6 a P16). Das sete questões constituintes do questionário elaborado para dissertação citada, analisamos, no presente estudo, os dados obtidos em quatro delas, por compreendermos sua relevância para o assunto abordado neste artigo:

- Você aborda a variação linguística do espanhol em suas aulas? Por quê?
- Dos recursos didáticos a seguir, quais utilizam para abordar a variação geográfica em sala de aula de Língua Espanhola?

() livros didáticos

() áudios

() vídeos

() jogos

() outros: _____

- Nas atividades propostas em sala de aula para a abordagem da variação geográfica da Língua Espanhola, geralmente o foco está:

() no léxico

() na pronúncia

() no léxico e na pronúncia

Por quê?

- O Espanhol de que região deve ser ensinado na escola, em sua opinião?

Os participantes da pesquisa responderam ao questionário elaborado via Formulários Google e, devido ao fato de conter perguntas abertas (primeira e última), empregamos a análise qualitativa dos dados, além da análise quantitativa (segunda e terceira questões), visto que alguns dos resultados estão expressos em porcentagens, conforme apresentados na seção seguinte.

4 Resultados e discussão dos dados

A primeira pergunta tinha como objetivo averiguar se os professores abordam o conteúdo “variação linguística” nas aulas de Língua Espanhola e todos os participantes afirmaram abordar. Os motivos de suas respostas seguem transcritos no quadro, sem alteração do texto informado pelos participantes:

Quadro 1: Motivos para abordagem da variação linguística em aulas de Espanhol

- P1:** Porque é importante que os alunos (re)conheçam as variantes de diversos países.
- P2:** Porque o espanhol é a língua de muitos países, e cada qual tem sua variante.
- P3:** Porque acho importantíssimo mostrar ao aluno todo tipo de variação, linguística ou cultural.
- P4:** Assim como a norma culta a variação linguística é parte da língua e tão importante quanto.
- P5:** Porque cada língua tem a sua variação.
- P6:** Acredito que seja importante para o aprendiz (re)conhecer a polivalência da língua espanhola.
- P7:** Sim, porque o aluno precisa saber o porquê das diferenças da pronúncia. E saber também que a língua evolui.
- P8:** Sim, por que os textos com os quais trabalho (notícias, artigos, poemas etc) abordam o tema, e por que reconheço importante que o aluno consiga expressar-se em diferentes contextos de uso linguístico.
- P9:** Sim porque acredito na importância de apresentar as variações e sua riqueza cultural.
- P10:** Sim, porque acredito que é importante que os aprendizes conheçam ou ao menos saibam que existem outras variantes.
- P11:** Sim, porque eu acredito que o aluno deve ter consciência de que a língua espanhola é falada em 21 países, e por isso possui características diversas, seja no falar ou na cultura.
- P12:** Para que a comunicação seja respeitosa e compreensível...
- P13:** Pois vejo a necessidade pois o aluno pode ir para qualquer país e tem q ter compreensão dessa variação.
- P14:** Tenho uma amiga peruana que entende bem o português falado pela região sul do Brasil. Quando ela conheceu uma carioca e um nordestino, me olhou e disse que não entendeu nada do que falavam. Em espanhol acontece a mesma coisa.
- P15:** É muito importante que os alunos entendam o que é a variação linguística, e como são muitos países que falam a língua espanhola, existe essa diferença na pronúncia, no vocabulário.

P16: Porque somos una "isla" rodeada de españoles por todos los lados.

Fonte: Mantoani (2018).

De acordo com as justificativas apresentadas pelos professores, listamos as seguintes:

- a) (re)conhecer que a variação é parte da língua, bem como (re)conhecer sua evolução e as variedades presentes no idioma (P1, P2, P4, P5, P6, P7, P10, P11);
- b) pelo fato de ser língua oficial de muitos países e pela proximidade do Brasil com países de fala hispânica (P11, P15, P16);
- c) por estar presente em materiais didáticos utilizados no ensino do idioma (P8);
- d) entender as diferenças de pronúncias e vocabulário (P7, P15);
- e) para conseguir expressar-se em diferentes contextos e se fazer compreender (P8, P12, P13, P14);
- f) promover o respeito e a consciência da diversidade linguística e cultural presentes em um idioma (P3, P9, P11, P12).

Assim, pudemos observar que a variação é parte constituinte de uma língua, além de (re)conhecer suas variedades e seu processo evolutivo foram os motivos mais mencionados pelos participantes, comprovando a importância de uma Pedagogia da Variação Linguística, a fim de que a aula de Espanhol “não dê um tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação”, conforme destaca Faraco (2008, p.182), pois ignorar a existência das variedades da Língua Espanhola,

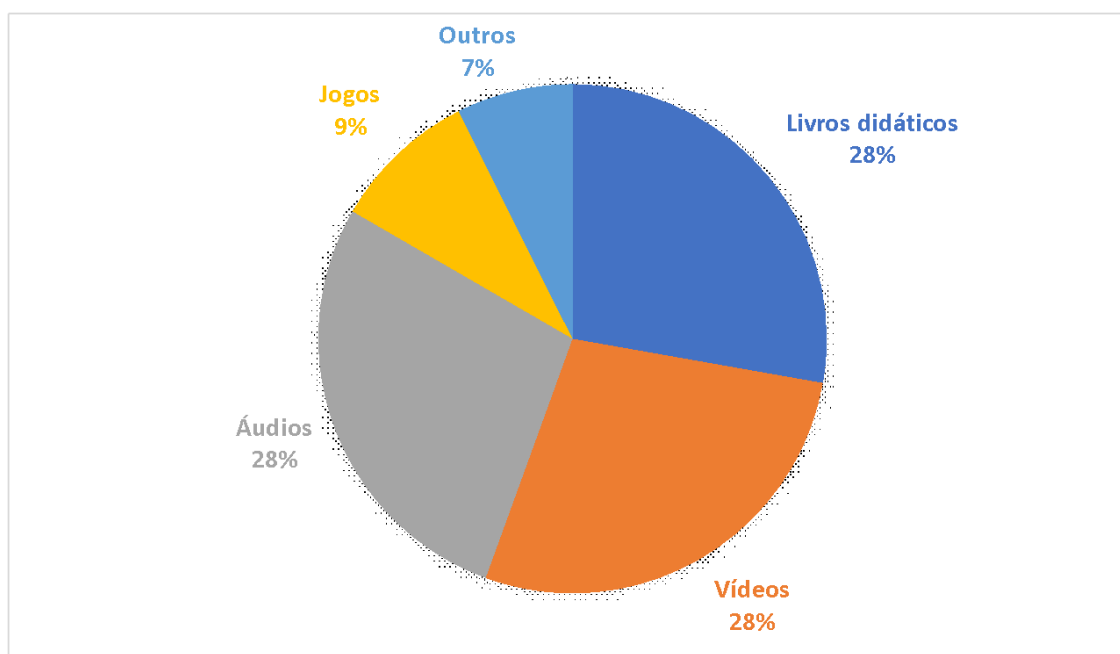
não contribui, como pensam alguns, para a unidade lingüística da língua, pois as diferenças dialetais não desaparecerão, mas a omissão por parte do professor quanto a existência das variantes poderá contribuir para que o ambiente de aprendizagem da língua estrangeira na escola regular de ensino aconteça, cada vez mais, de forma descontextualizada e de pouca utilidade prática para o estudante que deseja efetivar sua comunicação na língua estrangeira em questão (IRALA, 2004, p.108).

Dentre os motivos elencados pelos professores, destacamos mais um: promover o respeito e a consciência da diversidade linguística e cultural presentes em um idioma, fundamental para a

desconstrução e a minimização de crenças e preconceitos linguísticos que circulam na sociedade e, muitas vezes, influenciam negativamente a aprendizagem dos estudantes.

Na tentativa de compreendermos como os professores participantes da pesquisa abordam o conteúdo “variação linguística” em suas aulas e, especificamente a variação geográfica, torna-se essencial compreendermos, também, quais recursos didáticos os professores utilizam para alcançar esse objetivo. Assim sendo, a segunda pergunta tinha a finalidade de compreender quais recursos didáticos são mais utilizados pelos docentes de Língua Espanhola quando abordam especificamente a variação geográfica, objeto de nosso estudo. Para tanto, apresentamos algumas opções (livros didáticos, vídeos, áudios e jogos) e deixamos à disposição do docente a opção “outros” para que ficasse à vontade em informar outro recurso didático que não estivesse contemplado. A seguir, o Gráfico 1 apresenta a síntese de suas respostas:

Gráfico 1: Recursos didáticos utilizados para abordar a variação geográfica em aulas de Língua Espanhola



Fonte: Mantoani (2018).

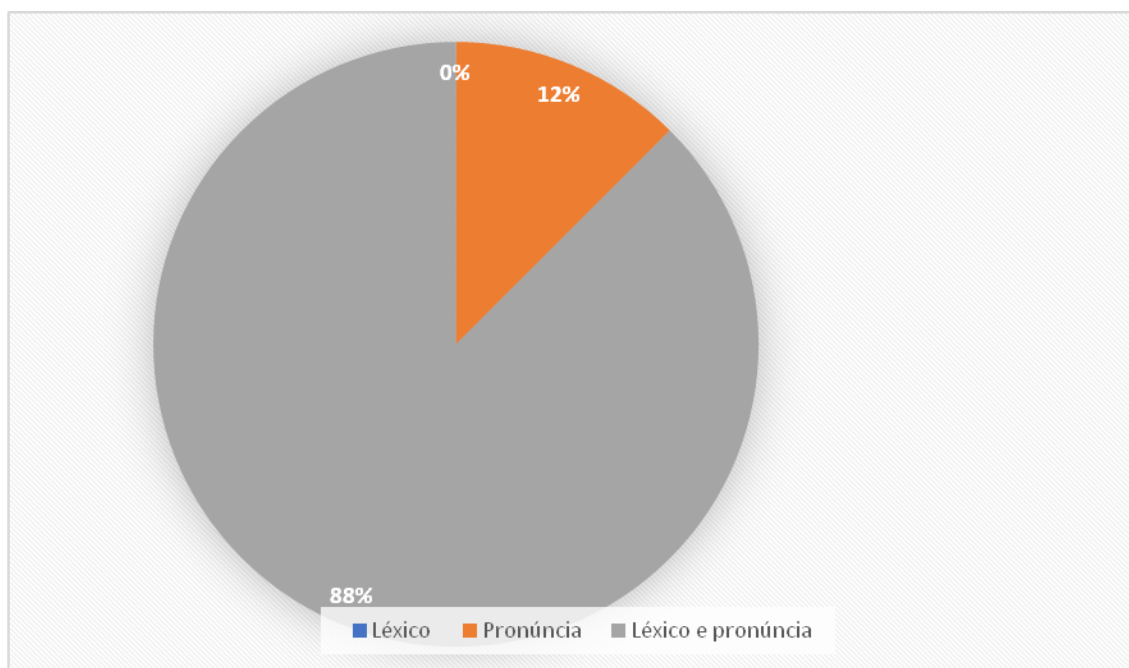
Ressaltamos que os participantes tinham a possibilidade de assinalar mais de um recurso didático utilizado, portanto, as opções livros didáticos, vídeos e áudios obtiveram 28% dos resultados cada uma, ou seja, quinze dos dezesseis participantes da pesquisa assinalaram esses três recursos,

enquanto jogos foi assinalado cinco vezes, o que corresponde a 9% das respostas. Esclarecemos que a opção jogos compreende dinâmicas, jogos de tabuleiros, de cartas e outras formas interativas usadas como recursos para o ensino.

Apenas quatro professores participantes assinalaram a opção “outros”, ou seja, um total de 7%, e mencionaram que também utilizam fotos, pesquisas em internet, seminários e filmes para a abordagem da variação geográfica em aulas do idioma Espanhol.

A fim de verificar se o foco da abordagem da variação geográfica em Língua Espanhola está na pronúncia, no léxico ou em ambos, nas respostas à terceira pergunta, 88% dos participantes, ou seja, catorze professores assinalaram a última opção (foco na pronúncia e no léxico) e 12% (dois professores) indicaram que o foco está na pronúncia. Já a opção “léxico” não foi apontada, como é possível notar:

Gráfico 2 – Atividades propostas em sala de aula para abordagem da variação geográfica ELE



Fonte: Mantoani (2018).

Ao perguntarmos o motivo para determinado foco na abordagem da variação geográfica nas aulas de Língua Espanhola, dois professores (P9) indicaram o uso de recursos didáticos mencionados na questão anterior, os professores justificaram suas escolhas/attitudes, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 2 – Justificativa do foco na abordagem da variação geográfica

P1: É indissociável o léxico e a pronúncia na maioria dos casos (exceto em casos de fins específicos, como espanhol instrumental, por exemplo.)

P2: Para que o aluno esteja preparado quando entrar em contato com as variantes, sendo através da leitura, da compreensão auditiva ou de uma situação real de comunicação.

P3: Acho importante mostrar ao aluno como é e onde utilizam.

P4: Pois ambos devem ser trabalhados.

P5: Pelas suas variações.

P6: Não consigo enxergar léxico e pronúncia desconectados quando se trata de variação linguística.

P7: Geralmente, a ênfase é dada na pronúncia (do próprio aluno e dos outros), porque, dependendo do estágio de conhecimento do espanhol, o aluno ouve vários sotaques (pronúncias) e acredito que na necessidade de esclarecê-lo.

P8: Porque o ensino deve ser completo.

P9: A partir do momento que eu apresento os diferentes sons de cada fonema ou letra, dou exemplos de algumas palavras, apresento áudios/vídeos originais da região e os alunos entendem que ali o acento é outro, com exceção da Argentina que não muda só a pronúncia.. também a conjugação.

P10: Porque existem algumas variações linguísticas dependendo da região e não conhecê-las pode levar o aprendiz a situações constrangedoras.

P11: Para que o aluno tenha o devido conhecimento e saiba distinguir um lugar do outro.

P12: Porque conhecer o léxico e não praticar a pronúncia o trabalho torna-se improdutivo, principalmente em caso de uso efetivo da língua.

P13: Pois devemos ter conhecimento dos dois.

P14: Não adianta focar a pronúncia e não saber do que se trata.

P15: Por causa dos colonizadores, pelos povos que já habitavam aquelas terras.

P16: Porque uno necesita del otro. El léxico encanta más a los chicos. "¿Profe, cómo se dice tal cosa?"

Fonte: Mantoani (2018).

A opção “léxico” não foi assinalada por nenhum dos participantes e os que assinalaram “pronúncia” (P3 e P7), acreditam que abordam a variação geográfica desse modo (com foco na pronúncia), pois compreendem ser importante evidenciar onde determinados dados são encontrados (P3), além de apontar pela necessidade de esclarecer, ou seja, explicar aos estudantes os diversos sotaques que podem ouvir (P7).

Os participantes que marcaram a opção “léxico e pronúncia”, justificam a necessidade de abordar as variedades geográficas do idioma; centrando-se em ambos, dessa forma, visto que, para eles, é preciso realizar um trabalho conjunto em que ambos estão interligados - léxico e pronúncia (como observamos em P1, P6, P16, por exemplo), para proporcionar conhecimento aos discentes (P10, P11, P12, P13) em leitura, compreensão auditiva e para contribuir no contato com as variedades linguísticas e a comunicação do aluno (P2, P12), evitando “situações constrangedoras” (P10). Além disso, um dos professores, o participante (P9) indicou o uso de recursos didáticos mencionados na questão anterior (áudios/vídeos).

Assim sendo, entendemos que cada professor adota uma metodologia para abordar a variação linguística do Espanhol, no que defendemos tal postura haja vista o contato com as variedades linguísticas ser desenvolvido por meio da leitura ou compreensão auditiva em aulas de ELE, visto que, além de proporcionar conhecimento linguístico - e cultural - ao aprendiz, também o prepara para as situações de uso efetivo da língua, como mencionado pelo participante P2. Para além disso, o participante mencionou a abordagem da variação também no aspecto gramatical, cuja opção não foi elencada por nós, devido nosso intuito de verificar a abordagem da variação geográfica no léxico e na pronúncia.

Tendo em vista as respostas obtidas (foco no léxico e na pronúncia), verificamos que a maioria dos professores participantes da pesquisa considera um trabalho conjunto na abordagem da variação linguística do Espanhol, a fim de que os alunos possam adquirir conhecimentos suficientes quando se depararem com as variantes do idioma.

Do mesmo modo que os professores, acreditamos que o léxico e a pronúncia possam ser abordados conjuntamente nas aulas de Língua Espanhola, apresentando as variantes regionais, como comenta P9, dado que os exemplos a partir do vocabulário ajudam a compreender os sons da língua. Entretanto, há de se considerar o objetivo de cada aula, ou seja, se em determinado momento é necessário abordar as diferentes pronúncias existentes, o professor pode fazê-lo e, na sequência, abordar as variantes lexicais, por exemplo. A variação atinge diferentes níveis, como o fonético e o

lexical. Contudo, o mais importante é não restringir a variação geográfica somente a um desses aspectos e desconsiderar o outro, pois tanto a pronúncia como o vocabulário possuem variação.

Na última pergunta, o objetivo era verificar qual variedade geográfica da Língua Espanhola os professores acreditam que deva ser abordada em aulas de ELE, bem como observar se em suas respostas apresentam crenças referentes à preferência por determinada variedade.

Quadro 3: Variedade geográfica a ser ensinada na escola

P1: Como não falante nativa, acredito que deve-se ensinar o "espanhol estandar" e ao mesmo tempo apresentar as variantes de diferentes regiões.

P2: De nenhuma especificamente, por isso sempre falo sobre as variações regionais.

P3: Eu tento sempre mostrar as variações que existem e deixo a critério deles a escolha de qual usar. Sempre enfatizando que nenhuma é melhor nem pior que a outra.

P4: De todas.

P5: Em todas as regiões que ocorre o uso da língua.

P6: De nenhuma região específica.

P7: Espanha, castelhano (região de Madrid). Esta é a origem.

P8: O aluno deve ter capacidade de reconhecer diversas mostras linguísticas, entendendo que nenhuma delas deve se sobrepôr, como a “melhor”, mas que diferenças históricas geraram marcas presentes até hoje. Como no CELEM, o curso tem duração média de dois anos, começo trabalhando com maior ênfase o espanhol peninsular, e, no segundo ano, quando os alunos já possuem maior repertório, trabalho peninsular e hispano-americano.

P9: É difícil definir pois limitaria as oportunidades do aluno para conhecer as variantes. Cabe ao professor escolher seu acento (sotaque), porém apresentando os demais.

P10: Na minha opinião não existe uma região certa ou errada, deve ser ensinada a que o professor dominar, sempre levando em consideração que existe outras variantes e que todas estão corretas.

P11: Sempre pensei que deveríamos ensinar o espanhol da Espanha e apresentar para os alunos o espanhol falado dos outros países da mesma língua. Agora com a diversidade de material, apresento o país de origem do material.

P12: Creio que o que mais se adequa à maioria das regiões, ou seja o mais compreensível em lugares comuns (Espanha)

P13: Todos ... Não só de uma região pois aí o aluno opta pelo q acha melhor.

P14: De qualquer região, com tal que não se use duas no mesmo discurso.

P15: Da Espanha como base, porém devemos apresentar se possível de todos os países, ou dos países maiores, influentes, nossos vizinhos, países que formam o MERCOSUL.

P16: Hay que enseñarles que como en Brasil, todos los países poseen sus variantes. Por eso intento en los videos mostrar en donde se utiliza habla tal sonido.

Fonte: Mantoani (2018).

As respostas dos participantes P2 e P6 parecem conferir-nos o entendimento da abordagem de uma variedade “neutra”, tendo em vista que defendem/sugerem que a variedade de nenhuma região específica deve ser abordada. Segundo Pereira e Pontes (2019, p.373), “o ‘espanhol neutro’ não corresponde ao espanhol falado por nenhuma região, por isso, busca ser compreendido por todo o mundo hispânico”, mas, como defendido pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) e mencionado pela autora, é recomendado que essa postura não seja adotada, devido às variedades existentes na Língua Espanhola que constituem uma identidade social, além de que a opção por essa variedade considerada “neutra” poderia evidenciar o privilégio de outras, como a centro peninsular.

De acordo com as respostas obtidas, compreendemos que seis professores (P1, P7, P8, P11, P12, P15) defendem que a variedade a ser ensinada é a variedade centro peninsular, da região de Madri, Espanha, apesar de mencionarem a importância de serem abordadas outras variedades linguísticas, enquanto que os professores P4, P5, P13, P14, P16 acreditam que todas as variedades linguísticas do Espanhol devam ser abordadas.

Entendemos que as respostas de P3 e P13 se assemelham às respostas de P9 e P10, uma vez que afirmam ser necessário o professor escolher uma variedade e apresentar as demais para que o aluno opte por uma melhor adequada ao seu registro. Contudo, é preciso que, em sua formação acadêmica, os professores conheçam e discutam políticas linguísticas e educacionais referentes ao ensino de Língua Espanhola no Brasil, “a fim de que se perceba que fatores extralingüísticos são mais significativos, mesmo que inconscientemente, na escolha da variedade” (IRALA, 2004, p. 104).

A partir das respostas dos docentes participantes da pesquisa, observamos a presença de duas crenças linguísticas: a) variedade centro peninsular (região de Madri, Espanha) ser considerada como “*estándar*” (P1), isto é, padrão, evidenciada pelo participante (P1); b) variedade centro peninsular

ser entendida como a mais compreensível (P12) (P12), a de melhor adequação à maioria das regiões hispânicas. Contudo, ressaltamos que

Não há, cientificamente falando, uma variante melhor/mais pura/mais correta que possa servir de modelo às outras; pelo contrário, além da gramática da língua castelhana, normatizada pela Real Academia Espanhola, existe uma dinâmica de influências e necessidades socioculturais que caracteriza cada uma das variedades hispânicas (VILLALBA, 2013, p. 21).

Essas respostas evidenciam a importância de uma Pedagogia da Variação Linguística nas aulas de Língua Espanhola, tendo em vista que, apesar de os participantes afirmarem abordar o conteúdo “variação linguística” nas aulas do idioma, alguns consideram como padrão a variedade centro peninsular e apresentam crenças linguísticas em suas afirmações. Entretanto, a maioria dos professores que participaram da pesquisa demonstram possuir uma consciência sobre a relevância de se abordarem as variedades linguísticas do Espanhol em aulas do idioma, haja vista que, quando perguntados da importância de sua abordagem e questionados sobre qual variedade deve ser ensinada, muitos defendem ser fundamental apresentar aos estudantes as variedades que compõem o idioma Língua Espanhola....

Para tanto, como forma de defender a implantação de uma Pedagogia da Variação Linguística em aulas de Língua Espanhola o proposto neste texto é o de contribuir com aulas do idioma espanhol. Baseado nos dados obtidos, elencamos algumas propostas a fim de contribuir com aulas do idioma espanhol: a) na formação (inicial e continuada) de professores de ELE seja discutida a abordagem da variação linguística, a fim de minimizar e/ou desconstruir crenças que podem levar a atitudes linguísticas preconceituosas nas aulas de Espanhol, como, por exemplo, privilegiar a abordagem da variedade centro peninsular como “padrão” nas aulas de Espanhol; b) desenvolver com os estudantes dos diversos níveis de aprendizagem, uma consciência crítica e respeitosa sobre os distintos modos de falar o idioma; c) propiciar um diálogo em relação às variedades linguísticas da Língua Portuguesa no Brasil, levando os estudantes brasileiros a refletirem sobre as variedades da Língua Espanhola. Aliada a tais ações, apontamos ainda a necessidade de que; d) professores, estudantes e comunidade em geral, unirem-se em defesa de uma política linguística que atenda às necessidades do ensino do idioma Espanhol em sua comunidade de fala e, conseqüentemente, no território nacional, tendo em vista as justificativas apresentadas nesta pesquisa.

Promover diálogos com os professores em formação com o objetivo de minimizar os preconceitos linguísticos, de forma a serem discutidas questões referentes às crenças e às atitudes linguísticas a fim de proporcionar maior reflexão e conscientização nos alunos. Em função disso, debater a crença de que a variante peninsular pode ser considerada como padrão e se há uma atitude de priorizar a abordagem da variante em relação a essa crença, assim como também não esgotar estudos sobre a presença de crenças que levam a atitudes em relação à abordagem do conteúdo “variação linguística” e, mais especificamente, da variação geográfica nas aulas de ELE.

Considerações Finais

Tendo em vista os assuntos abordados no decorrer deste estudo, podemos compreender que o ensino de Língua Espanhola no Brasil apresenta desafios para os professores que se dedicam ao ensino do idioma. Um dos objetivos propostos foi discutir, a partir da Sociolinguística, as crenças e atitudes linguísticas que se manifestam no processo de ensino e aprendizagem de ELE e que, muitas vezes, influenciam os estudantes.

De acordo com os dados analisados – respostas de professores de Espanhol a um questionário aplicado remotamente – os docentes afirmaram abordar a variação linguística em suas aulas e, alguns, possuem crenças, como, por exemplo, a de considerar a variedade centro peninsular como “mais bem compreendida” que as demais utilizadas na América Latina. Outros participantes justificaram a necessidade e a importância da abordagem do conteúdo “variação linguística” para estimular o respeito e a consciência da diversidade linguística da Língua Espanhola, compreendendo que não existe apenas uma manifestação da língua em uso (MORENO FERNÁNDEZ, 2000), o que entendemos como positivo, haja vista o interesse pela abordagem da variação linguística em aulas de ELE.

Além disso, identificamos alguns desafios sociolinguísticos por nós compreendidos como inerentes ao ensino do idioma: a relevância da abordagem das variedades da Língua Espanhola, assim como também a reflexão e a conscientização das diferenças existentes para um consequente respeito e a minimização e desconstrução de crenças e de atitudes linguísticas que privilegiam uma variedade em detrimento de outras.

Objetivamos promover a reflexão sobre a necessidade de uma Pedagogia da Variação Linguística em aulas de Língua Espanhola, com o intuito de contribuir para reflexão de determinadas crenças linguísticas referentes ao idioma, contudo, acreditamos que essa discussão não se encerra

aqui, sendo necessários mais estudos que se dediquem à temática face às perspectivas sociolinguísticas para o ensino de Língua Espanhola no país, observando as políticas linguísticas sobre sua implantação.

Torna-se fundamental que a prática da Pedagogia da Variação Linguística proposta por Faraco (2008) seja efetivada também em aulas de ELE, a fim de apresentar e envolver os discentes com a diversidade que podem encontrar nessa língua, bem como motivar o respeito e desconstrução de preconceitos linguísticos.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56.ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

_____. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.). **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-41.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Tem a sociolinguística efetiva contribuição a dar à educação? In: _____. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 127-146.

BRASIL. **Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005**. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 ago. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm>. Acesso em 17 jun. 2020.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 13.415/2017**, de 13 de fevereiro de 2017, Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em 17 jun. 2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** vol. 1. Brasília: o Ministério, 2006. (**Orientações curriculares para o ensino médio.**, v. 1). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CAMACHO, Roberto G. A variação lingüística. In: **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**, vol.I, São Paulo, SE/CENP. 1988, 3.v. p. 29-41.

CORDEIRO, Dayane Mônica; LIMA MOREIRA, Glauber. La enseñanza del español en Brasil: presente, pasado y futuro. Entrevista con Francisco Moreno y Gretel Eres. In: **marcoELE: revista de didáctica español como lengua extranjera.** n. 25. p. 1-11. jul-dic 2017. Disponível em: <<https://marcoele.com/entrevista-con-francisco-moreno-y-gretel-eres/>> Acesso em 18 jun. 2020.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG.** 2007. 174 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org). **Linguística da norma.** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 35-56.

_____. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

INSTITUTO CERVANTES. **Español una lengua viva.** Madrid: Biblioteca Nueva, 2019.

IRALA, Valesca Brasil. A opção da variedade de espanhol por professores em serviço e pré-serviço. **Linguagem & Ensino** (UCPel), Pelotas, v. 7, n.2, p. 99-120, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15595>> Acesso em 17 jul. 2020.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social.** 5 ed. Tradução de Dante Moreira. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975. p. 98-135.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística.** 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.

MANTOANI, Vanessa Cruz. **A variação linguística na aula de Língua Espanhola: alguns olhares.** 2018. 127. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **¿Qué español enseñar?.** Madrid: Arco Libros, 2000.

_____. **Las variedades de la Lengua Española y su enseñanza.** Madri: Arco Libros, 2010.

_____. **Variedades del español y evaluación: opiniones lingüísticas de los anglohablantes.** Instituto Cervantes en la Universidad de Harvard – Universidad de Alcalá, 2017. Disponível em

<<http://cervantesobservatorio.fas.harvard.edu/sites/default/files/spanish.pdf>> Acesso em 16 jun. 2020.

MOVIMENTO #FicaEspanhol. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ficaespanhol/>>. Acesso em 20 jun. 2020.

PEREIRA, Livya Lea de Oliveira; PONTES, Valdecy de Oliveira. Professores de língua espanhola no estado do Ceará: crenças sobre diversidade linguística e perspectivas de ensino atuais. **Calidoscópio**, v. 17, p. 361-382, 2019. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.172.09>> Acesso em 17 jul. 2020.

VILLALBA, Terumi Koto Bonnet. O ensino do espanhol no Brasil: revisitando o tema da política linguística. In: ZORZO-VELOSO, Valdirene F.; FERREIRA, Cláudia C.; ORTIGOZA, Arelis F. (Orgs.). **El español en línea de mira: enlaces lingüísticos, literarios y metodológicos**. Londrina: UEL, 2013. p. 13-26.